

VV AA, *Kant's Lectures / Kants Vorlesungen* (eds.: Bernd Dörflinger, Claudio La Rocca, Robert Loudon e Ubirajara Rancan de Azevedo Marques), Berlim, Walter De Gruyter, 2015.

Os cuidados a ter na interpretação das transcrições das *Vorlesungen* de Immanuel Kant não são incompatíveis com o aprofundamento do conhecimento da filosofia kantiana que pode alcançar-se mediante o estudo de tal legado. Embora o facto de não se tratar de textos escritos pelo próprio Kant obrigue a cautelas adicionais, as vantagens resultantes da sua análise afiguram-se de tal modo significativas que seria um imperdoável desperdício dispensá-la. Nomeadamente se abordadas em articulação com a obra publicada de Kant, as notas das lições do Professor Kant constituem uma das mais valiosas fontes para a compreensão do seu pensamento do filósofo.

Precisamente às *Vorlesungen* de Kant foi dedicado o VIII Colóquio Kant de Marília, que teve lugar na UNESP-Marília, Brasil, de 18 a 21 de agosto de 2013. A obra que daí resultou, *Kant's Lectures / Kants Vorlesungen*, editada por Bernd Dörflinger, Claudio La Rocca, Robert Loudon e Ubirajara Rancan de Azevedo Marques e publicada em 2015 pela Walter de Gruyter, é uma compilação em inglês e em alemão de um conjunto de comunicações apresentadas no colóquio.

O enquadramento desenhado por Werner Stark constitui um precioso auxílio na identificação do estatuto das notas. Mediante uma série de informações que vai da descrição do contexto académico no qual o trabalho de Kant se desenvolveu aos compêndios por ele usados nas suas lições e mesmo à partilha de fac-símiles da *Metaphysica* de Baumgarten com anotações do professor, “Versuch eines summarischen und pointierten Berichts über die Vorlesungen von Immanuel Kant” providencia inestimáveis indicações quer no que concerne à distinção entre o que está escrito nos manuais e as posições do próprio Kant, quer no respeitante à relação entre as *Vorlesungen* e os textos publicados do filósofo, e, de ambos os modos, relativamente às possibilidades e aos limites dos conhecimentos que a partir da leitura das transcrições das lições podemos adquirir.

Para lá do texto introdutório da autoria de Stark, a obra é composta por dezassete artigos divididos por seis capítulos. Os dois primeiros, relativos, respectivamente, à lógica e à antropologia, merecem cinco artigos cada; a eles se segue o capítulo referente à metafísica, com quatro; a ética, o direito e, finalmente, a teologia racional, são temas abordados por uma contribuição cada um.

Respondendo, numa primeira parte, à questão de saber por que é que as notas das *Vorlesungen* de Kant são interessantes, o artigo de María Jesús Vásquez Lobeiras poderá ser entendido por relação ao enquadramento desenhado por Stark. Também Lobeiras menciona alguns dos limites com que são confrontados os leitores das transcrições. Na segunda parte do seu texto, a autora dedica-se especificamente às lições de lógica, nomeadamente relacionando-as com a *Kritik der reinen Vernunft*, para assinalar a importância destas no estudo do desenvolvimento do pensamento kantiano.

Explorando a estreita relação entre, por um lado, a noção de exposição popular que nos é trazida pelas notas das lições de lógica de Kant e, por outro, a avaliação que na *Kritik der Urteilskraft* Kant faz da retórica, Catalina González ajuda a compreender não apenas o modo como a oratória é censurada na terceira *Kritik*, mas também as razões para que o discurso eloquente seja, não obstante, considerado por Kant como merecedor de cultivo. Revelar-se-ia insuficiente, com vista a uma inteira compreensão da posição do filósofo, a mera leitura da *Kritik der Urteilskraft*. Embora à primeira vista Kant possa parecer desconfiar tanto da retórica como o fazem alguns dos seus predecessores modernos, uma observação cuidada dá a ver uma complexidade melhor decifrável à luz de um entendimento estóico da arte em questão. Assim, tal como constitui um precioso auxílio para a compreensão da avaliação negativa que Kant faz da oratória, a consideração das transcrições das lições de lógica contribui decisivamente para uma caracterização rigorosa da arte genuína da retórica.

Igualmente dando um destaque especial, mas não exclusivo, à lógica *Jäsche*, Sílvia Altmann recua às notas para recuperar uma distinção entre matéria e conteúdo dos conceitos. A autora contribui deste modo para uma melhor compreensão de algo não completamente explícito na *Kritik der reinen Vernunft*. No artigo “Note on the Matter and Content of Concepts”, ela sustenta que, embora o conteúdo de um conceito esteja no conceito, o seu objecto, ou o que é suposto representar, não é algo no conceito. De acordo com Altmann, no concernente ao conteúdo o nosso modo de representar depende de algo que não pode ser reduzido a uma representação puramente conceptual, depende de uma matéria que não é dada pelo pensamento ele mesmo.

Nos artigos de João Carlos Brum Torres e de Andrea Faggion, com os quais se fecha o capítulo referente às lições de lógica de Kant, as notas revelam-se elementos extremamente valiosos no estabelecimento de um diálogo com autores contemporâneos relativo a discussões filosóficas em jogo nos nossos dias.

Analisando como o tratamento dado por Kant ao conceito de conceito empírico pode ser situado no contexto dos problemas ou aspectos da cognição conceptual salientados por teorizações recentes relativas à natureza dos conceitos, João Carlos Brum Torres enquadra a análise kantiana no âmbito do que Jerry Fodor identifica como sendo a posição clássica acerca da natureza daqueles elementos. O problema a que Brum Torres se dedica, assim, é o da relação de homogeneidade entre as marcas conceptuais e as marcas sensíveis do objecto correspondente. Trata-se, por outras palavras, do problema da relação normativa entre conceitos empíricos e domínios de objectos dos quais eles são conceitos. Num percurso que vai da reafirmação da identidade entre as condições de possibilidade da experiência e as condições de possibilidade dos objectos da experiência ao modo como os conceitos são formados e à consideração dos conceitos de reflexão, o intérprete conclui que, de acordo com a teoria kantiana, os conceitos empíricos, enquanto gerais, herdaram e retêm o legado das propriedades sensíveis que os causaram, as quais, porém, só se tornam marcas características depois de terem sido identificadas como o que é comum a várias coisas, sendo essa identificação o que as torna os elementos básicos do pensamento discursivo e como tal os fundamentos do conhecimento.

Em “Can Mere Intuitions Represent Objects?”, Andrea Faggion propõe que a resposta de Kant à questão de saber se meras intuições podem representar objectos – o equivalente kantiano da questão contemporânea de saber se existe conteúdo não-conceptual – traduziria uma teoria conceptualista sofisticada que simultaneamente aceitaria não-conceptualismo de estado e recusaria não-conceptualismo de conteúdo. Faggion lembra que o cerne da controvérsia entre conceptualistas e não-conceptualistas reside na unidade das representações e sublinha que, no contexto da primeira *Kritik*, o conceito reflectido como uma unidade analítica ou distributiva de representações depende do exercício de um conceito na sua função original como regra para a unidade sintética das intuições, mas não o contrário. A tese sustentada pela autora é aquela segundo a qual a dedução transcendental tenta provar que meras intuições não podem representar objectos sem a orientação de conceitos como regras para a síntese. Haverá, por conseguinte, regras normativas implicadas em cada percepção como tal.

O segundo capítulo de *Kant's Lectures / Kants Vorlesungen* é dedicado às notas das lições de antropologia. Nele nos oferece Leonel Ribeiro dos Santos uma reflexão acerca da insistência de Kant na ideia de maldade humana e do papel que esta desempenha na economia da natureza

ou no plano da providência em relação à espécie humana e na orientação do cumprimento da vocação do ser humano. De acordo com o autor, o que é extraordinariamente relevante nas lições de antropologia de Kant é o esforço do filósofo para ver, mostrar e provar o lado positivo de algo que, na aparência, constitui um aspecto exclusivamente negativo, a saber, como do mal natural no ser humano deriva todo o bem que ele alcança em sociedade, da constituição política e da lei até à cultura, à civilização, ao gosto e à própria moralidade.

O artigo de Fernando M. F. Silva é dedicado ao conceito de Witz. Em primeiro lugar, Silva aborda as relações entre o Witz e a faculdade do juízo, salientando a componente criativa do primeiro: trata-se de uma faculdade que inventa pontos de comparação, similaridades, construindo representações às quais várias outras são instantaneamente ligadas, mesmo que imperceptivelmente, e assim formando uma torrente criativa cujo fim supremo é dar ao interlocutor o prazer de ouvir algo novo, de articulação inédita. Num segundo momento, o autor incide sobre as relações entre o Witz e a poesia, por um lado, e a faculdade do juízo e a filosofia, por outro, defendendo ser precisamente num nível profundo da relação entre esses dois pares antitéticos que reside o verdadeiro núcleo do pensamento kantiano acerca do conceito em causa.

Em “Kant und Gerard über Einbildungskraft”, Joãozinho Beckenkamp examina as notas das lições de antropologia de Kant mostrando simultaneamente a importância de Alexander Gerard no desenvolvimento do pensamento kantiano, nomeadamente no que concerne ao génio, à faculdade produtiva da imaginação e ao papel desta na inteira filosofia transcendental de Kant, e o carácter indispensável da leitura das referidas notas para o reconhecimento dessa influência.

Num texto que vai da doutrina das três faculdades até ao conceito de ser capaz de moralidade, passando pela racionalidade dos sentimentos e pela relação entre sentimento e desejo, Heiner F. Klemme fornece-nos uma descrição geral do território relativo à questão de saber que conexão existe entre o nosso sentimento e os nossos desejos, por um lado, e a nossa razão prática pura, por outro, razão que ocasionalmente é identificada por Kant com a vontade. No entender de Klemme, o conceito de auto-posseção revela-se de importância central para a filosofia prática kantiana como um todo. Um segundo aspecto da contribuição de Klemme prende-se com as características que, de acordo com Kant, temos de prescrever aos sujeitos se o imperativo categórico constitui o mais alto princípio do desejar. Ficará determinada, por fim, a relação entre conhecer, sentir e desejar a partir do âmbito do imperativo categórico.

Baseada não apenas nas transcrições das lições de antropologia de Kant, mas igualmente, entre outras fontes, na correspondência do filósofo com Marcus Herz, Nuria Sánchez Madrid começa por lidar com a relação do conhecimento antropológico à doutrina moral de Kant a partir da questão de saber quão longe poderá o leitor das *Vorlesungen* designar para a antropologia um escopo autónomo e um lugar exterior aos limites da moral kantiana. Chamando a atenção para a relação entre as lições de antropologia e a face empírica do moral, Sánchez Madrid defende que a antropologia, não obstante submetida à moral, não constitui um apêndice a esta. No entender da intérprete, o conhecimento empírico do ser humano deve ajudar na aplicação da filosofia prática – o conhecimento acerca de como as regras do mundo previnem uma abstracção excessiva e facilitam a implementação da lei moral num espaço figurado pelas crenças e expectativas dos seres humanos produz uma normatividade pragmática. Em segundo lugar, partindo para a reconstrução da unidade do conjunto disperso das observações antropológicas de Kant, Sánchez Madrid indica que, no contexto da filosofia kantiana, um conhecimento geral da natureza e cultura humana tem de ser pressuposto aquando do transporte do potencial científico da antropologia. Finalmente, na terceira secção do seu artigo, a autora conclui que as lições de antropologia de Kant denotam uma evolução que conduz a uma consciência crescente do sentido e dos limites da normatividade pragmática, isto é, das observações e regras pragmáticas. Assim, embora tais lições provem que a normatividade pragmática está sempre sujeita a princípios morais, não deixa de ser verdade, segundo Sánchez Madrid, que o progresso do conhecimento antropológico previne os erros resultantes da abstracção e dá a ver canais que tornam mais fácil a aplicação dos comandos morais.

As notas das lições de ética de Kant e as relativas às lições de direito são, em *Kant's Lectures / Kants Vorlesungen*, merecedoras de um artigo cada. Às primeiras, nomeadamente à lição *Vigilantius*, incluindo a relação desta com a *Metaphysik der Sitten*, dedica-se Robert B. Loudon. No seu texto, “Moralität für Menschen: Ethische Theorie in Kants *Vigilantius*-Vorlesung”, Loudon dá a ver a importância da referida lição para a compreensão do pensamento ético de Kant, especialmente enquanto sublinhando a sua aplicação. Nesse contexto são destacados o ser humano, a fragilidade da sua natureza e o necessário acompanhamento desta. Quanto à lição de *direito natural Feyerabend*, ela é o objecto geral da análise efectuada por Günter Zöller em “[O]hne Hofnung und Furcht”. Kants *Naturrecht Feyerabend* über den Grund der Verbindlichkeit zu einer Handlung”. No entender de Zöller, tal lição é especialmente significativa

quer no que respeita à determinação da relação entre a ética e o direito, enquanto aquela se direcciona para o interior do sujeito, quer à ligação entre filosofia política e ética, assim se tornando uma fonte particularmente valiosa para uma melhor compreensão dos textos de ética, direito e filosofia política publicados por Kant.

O capítulo dedicado às transcrições das lições de metafísica de Kant inicia-se com o artigo de Jacinto Rivera de Rosales. Num texto que percorre a estética, a analítica e a dialéctica transcendentais, Rosales recorre às *Vorlesungen* como fonte privilegiada para pensar o desenvolvimento, as modificações do pensamento do filósofo na segunda metade da década de setenta. Na última secção do seu artigo, o autor dedica-se ao conceito de mundo inteligível finalizando com a ideia de que uma parte significativa do que está na primeira fase do trabalho de Kant se manterá no seu trabalho crítico.

O artigo de Gualtiero Lorini tem como núcleo a crítica da razão pura enquanto actividade do sujeito. Nele se investiga a relação da crítica com a filosofia transcendental e com a ontologia, de modo a desenhar o plano daquilo que Kant designa como o sistema de metafísica. No entender de Lorini, ao mesmo tempo que fornece elementos para uma melhor compreensão de passagens aparentemente contraditórias e permite encontrar uma ordem na evolução de alguns temas significativos, ordem mais dificilmente detectável a partir da consideração somente dos escritos publicados, a análise das transcrições das lições de metafísica torna mais complexa a tarefa interpretativa – o autor defende que seria incorrecto ver uma harmonia forçada em passagens indubitavelmente controversas.

Juan A. Bonaccini avalia em que medida Kant se preocupa, nas suas lições de metafísica, com o estatuto dos milagres. No entender de Bonaccini, não obstante ser a partir da cosmologia de Baumgarten que Kant aborda o assunto, ele possuirá uma teoria própria acerca da possibilidade dos milagres, distanciando-se de Baumgarten através da distinção entre forma e matéria dos milagres. Propriamente entendidos, assim, no contexto da filosofia kantiana, os milagres têm de ser concebidos como materialmente ocorrendo na natureza, mas formalmente sendo contrários ao seu curso natural, possivelmente respondendo a uma ordem ou causa sobrenatural.

Num artigo constituído por quatro observações históricas e filológicas relativas ao conceito de epigénese, Ubirajara Rancan de Azevedo Marques começa por dar a conhecer a entrada da palavra na modernidade, quer em contexto etiológico, quer no embriológico, e por mencionar os usos que Kant faz do termo, nomeadamente nas *Reflexionen*

e nas *Vorlesungsnachschriften*, mas também nas primeira e terceira *Kritiken* e na *Religion innerhalb der Grenzen der bloßen Vernunft*. Numa terceira secção, Marques introduz referências à *generatio æquivoca* e à auto-geração e pensa o conceito de epigénese por relação a esses termos. Finalmente, o autor remete para a preformação genérica enquanto síntese peculiar que resulta na confluência operacional dos seus termos constituintes, na perspectiva de resolver problemas que cada um deles se mostra incapaz de superar unilateralmente. Com a afirmação da epigénese como sistema de preformação genérica, Kant decidir-se-á pela superação das limitações recíprocas aos termos que a constituem e pela consideração da natureza como produtora.

*Kant's Lectures / Kants Vorlesungen* fecha com um artigo de Bernd Dörflinger relativo às lições do primeiro semestre de 1783-1784. De acordo com Dörflinger, que se direcciona em particular para o conceito de bem supremo, as palavras de Kant nesse período testemunham uma mudança radical e progressiva do pensamento do filósofo no que respeita ao papel da teologia relativamente ao fundamento e à aplicação da moral. A filosofia kantiana passará de uma fase teonómica contraditória para a fase autónoma que o intérprete localiza na *Religion innerhalb der Grenzen der bloßen Vernunft* e na qual a teologia deixa de desempenhar um papel constitutivo.

As transcrições das lições do Professor Immanuel Kant constituem um valioso conjunto de documentos para os estudos kantianos. Os artigos que aqui tivemos em consideração, e que compõem *Kant's Lectures / Kants Vorlesungen*, dão a ver claramente a correcção dessa tese: eles tornam evidente quanto a análise das lições contribui desde logo para uma melhor compreensão da inteira obra publicada de Kant, da relação do filósofo com a tradição e do desenvolvimento progressivo do seu pensamento. Não obstante as dificuldades inerentes à leitura das notas e os limites que possam ou devam ser impostos a essa leitura, sem ela muito ficaria por conhecer.

João Lemos

(Faculdade de Letras da Universidade do Porto)